

Edward Norton fala  
ao Correio de seu  
papal mais recente

PÁGINA 4



'Vitória' lidera  
bilheteria em seu  
1º fim de semana

PÁGINA 5



Fábio Porchat elege  
casos mais hilários  
de seu programa

PÁGINA 6



## 2º CADERNO

Ricardo Borges/Folhapress



*Gilberto Gil no primeiro show da turnê Tempo Rei, na Arena Fonte Nova em Salvador*

### Gilberto Gil encarna a própria obra em estreia de turnê de despedida

Por **Lucas Brêda** (Folhapress)

**G**ilberto Gil condensou sua trajetória, uma das maiores da música brasileira em todos os tempos, no show que deu o pontapé inicial de sua turnê de despedida dos palcos. A primeira apresentação de "Tempo Rei", que percorre o Brasil ao longo deste ano, aconteceu

no estádio Fonte Nova, em Salvador.

Mais de 40 mil pessoas lotaram o espaço na noite do último sábado (15), após os ingressos esgotarem horas antes do show começar. Foi uma recepção de gala, à altura de um dos mais ilustres filhos desta terra, que atrasou cerca de meia hora para subir ao palco para quando os espaços na plateia estivessem todos preenchidos.

Ele começou com "Palco", música que fez em 1980 como forma de se despedir da car-

reira, mas que acabou a reabilitando. Emendou "Banda Um" e "Tempo Rei", a reflexão sobre a ação transformadora do tempo que é tema da excursão derradeira.

Gil disse que o show era sua despedida dos grandes palcos, do que "eu venho fazendo há mais de 60 anos". "Estarmos aqui juntos é o motivo de ter me dedicado toda a carreira", ele afirmou, antes de puxar um trecho de "Aqui e Agora", canção de 1977.

"O melhor lugar do mundo é aqui e agora" diz a música, expressão das filosofias orientais que regem Gil, e recado adequado à ocasião. Mais que um resgate de um passado obsoleto, o show mostrou que a obra do tro-

picalista segue relevante e capaz de comover - mais ainda ali, e naquele momento.

Confirmou essa sensação o fato de que Gil, aos 82 anos, segue fisicamente capaz de interpretar seu repertório sem retirar as nuances dele. O baiano soa agora como o acúmulo de todas as suas experiências - da voz hoje mais econômica à maestria desenvolvida no violão -, e não uma sombra delas.

Ele foi acompanhado por mais de uma dezena de músicos, num espetáculo de arranjos renovados e que se dedicou a contar uma história. Depois das três performances iniciais, ele seguiu sua trajetória numa linha cronológica. **Continua na página seguinte**



Ex-ministro da Cultura, Gilberto Gil recebeu a conterrânea margareth Menezes, atual ocupante do cargo. Os dois cantaram 'Toda Menina Baiana para o êxtase do público na Arena Fonte Nova, em Salvador

# Réguas e compasso dados pela Bahia

## DATAS DA TURNÊ 'TEMPO REI'

- \*29 e 30/3 e 5 e 6/4 - Rio de Janeiro (Farmasi Arena)
- \*11, 12, 25 e 26/4 - São Paulo (Allianz Parque)
- \*315 e 1/6 - Rio de Janeiro (Marina da Glória)
- \*7/6 - Brasília (Arena BRB)
- \*14/6 - Belo Horizonte (Arena MRV)
- \*5/7 - Curitiba (Ligga Arena)
- \*9/8 - Belém (Estádio Mangueirão)
- \*6/7 - Porto Alegre (Estádio Beira Rio)
- \*15/11 - Fortaleza (Centro de Formação Olímpica)
- \*22/11 - Recife (Classic Hall)

particular, levando em conta a cultura que lhe formou, do que suas antenas captaram ao longo dos anos.

Ele cantou "Punk da Periferia", sua visão do estilo que despontava no exterior e nas pe-

**G**il começou com duas músicas que deram conta dos pilares de sua carreira - o baião de Luiz Gonzaga, o samba baiano de Dorival Caymmi e a bossa nova de João Gilberto. A primeira foi "Eu só Quero um Xodó", composição de Dominginhos que Gil popularizou nos anos 1980, a segunda, "Eu Vim da Bahia", de Caymmi, mas muito conhecida na voz de João.

Esta última serviu de introdução ao próximo passo da narrativa - Gil era então o baiano que chegava no Sudeste. Entre Rio de Janeiro e São Paulo, ele protagonizou os anos de enfrentamento estético e político da tropicalia, representados por "Procissão" e "Domingo no Parque", ambas da segunda metade da década de 1960.

A repressão dos anos de chumbo da ditadura militar chegou através de Chico Buarque. Em depoimento em vídeo, ele contou como compôs ao lado de Gil a música "Cálice", em suas palavras, "uma música que falava de censura e foi censurada". Ele falava sobre o AI-5 e como "os microfones [dele e de Gil] foram silenciados" quando os gritos de "sem anistia" inflamaram uma parte da plateia.

A partir dali, o barulho era tanto que era quase impossível entender o depoimento de Chico, anterior a uma performance carregada de energia de "Cálice". O frisson só aumentou com o telão trazendo imagens de vítimas da ditadura, casos do deputado Rubens Paiva - cuja história é retratada no filme "Ainda Estou Aqui", primeiro longa brasileiro a vencer um Oscar - e do jornalista Vladimir Herzog, ambos mortos pelo regime.

Caetano Veloso e, no fim, o próprio Gil, presos e expulsos do país pelos militares, também surgiram nas imagens. Ao fim de "Cálice", até quem estava sentado nas cadeiras se levantou para aplaudir a performance, em gritos de aclamação que preencheram o estádio.

"Back in Bahia" contemplou o exílio e o retorno ao Brasil. A ida surgiu na música, o rock que marcou aquela fase da obra de Gil, muito influenciado por Beatles e Rolling Stones em Londres, e a volta na letra, que retrata a saudade e o reencontro com o mar da Bahia sem rejeitar os anos na Europa.

Gil foi apresentando os músicos ao longo da noite. Mestrinho teve destaque no acordeon, tendo assinado também parte dos arranjos do show. Diversos familiares também acompanharam o tropicalista no palco.

A narrativa passou pela reconstrução da carreira no Brasil. "Refazenda" trouxe o reencontro com o sertão baiano de sua infância em Ituaçu, e "Refavela", o período de maior interesse pela música afro-diaspórica. Gil fa-

lou sobre como sua viagem a Lagos, na Nigéria, nos anos 1970, influenciou esse período.

Antes de fechar a trilogia "Re" com uma performance animada de "Realce", ele se dedicou ao reggae. Gil foi um dos grandes embaixadores do ritmo jamaicano no Brasil, da memorável turnê com Jimmy Cliff à tradução de sucessos de Bob Marley - caso de "Não Chores Mais", originalmente "No Woman, No Cry", com uma introdução ao pandeiro e cantada em coro pelos baianos.

Alguns dos maiores sucessos de Gil são no ritmo jamaicano, que marcaram um dos momentos mais celebrados da apresentação, ainda com "Vamos Fugir", "A Novidade" e "Extra". No palco, fica nítido como Gil sempre usou o filtro tropicalista que forjou para absorver diversas expressões musicais, de dentro e de fora de seu país. Nada que ele faz é mera reprodução, mas uma interpretação

riferias de São Paulo na virada dos anos 1980. Mostrou também "Realce", em que deglute a disco music, numa sequência de canções que lançou naquele período, incluindo também "A Gente Precisa ver o Luar".

O violão de Gil, uma instituição da música nacional, deu as caras na fatia mais emotiva do show. Ele cantou uma versão sublime de "Se eu Quiser Falar com Deus" acompanhado de cordas e um solo de sopro, além de "Drão", "Estrela" e "Esotérico", levando às lágrimas quem ainda não tinha chorado.

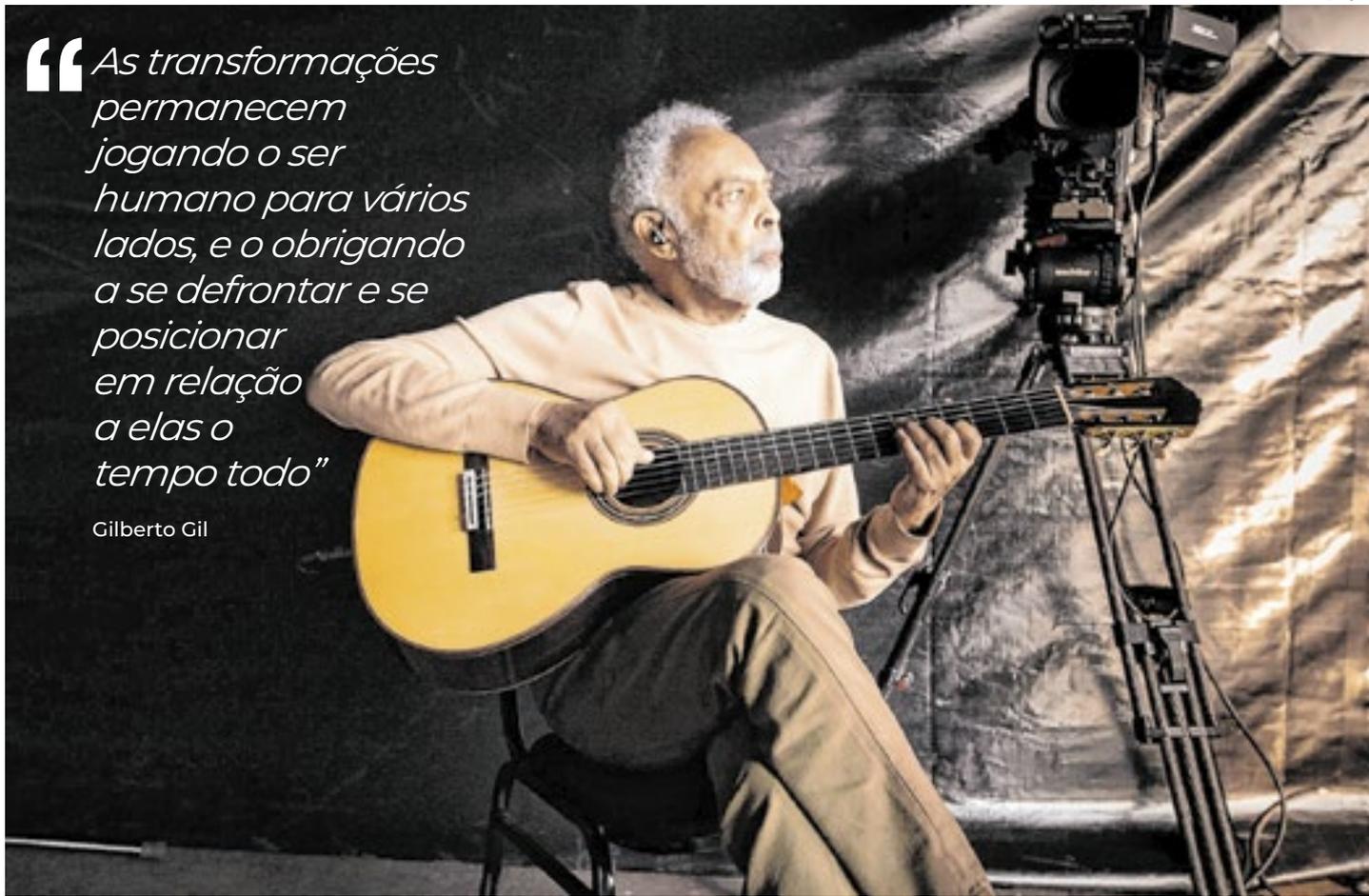
A reta final foi de pura celebração, com a plateia toda de pé e dançando. Teve "Expresso 2222" e "Andar com Fé", num momento em que a energia emanada pelo público era palpável. Em "Emoriô", Russo Passapusso (BaianaSystem) engrossou o coro, seguido por encontro de ministros da Cultura de governos do presidente Lula, do PT. Gil, ex-ministro, recebeu Margareth Menezes, atual ocupante do posto, em "Toda Menina Baiana", cantada para um estádio em êxtase.

O encerramento veio depois de quase 2h30 de show. Contou com "Esperando na Janela", com os casais na plateia evidentemente dançando forró, e "Aquele Abraço", a despedida na despedida, em que Gil sambou, tirou onda, puxou um coro de "Na Baixa do Sapateiro", de Caymmi, e saiu de cena agradecendo. Gil é mais que um contador de histórias - é a própria história encarnada, juntando as várias pontas de uma obra que brilha viva. Ajudou a estreia ser em Salvador, cidade que se reconhece em seus versos. Como na trajetória do tropicalista, a Bahia deu à turnê réguas e compasso.

Divulgação

“As transformações permanecem jogando o ser humano para vários lados, e o obrigando a se defrontar e se posicionar em relação a elas o tempo todo”

Gilberto Gil



# O tempo de desacelerar

**E**m 1980, Gilberto Gil pensava em abandonar a música. Como despedida, escreveu “Palco”, hoje um de seus sucessos. “Era fastio. Tive um impulso de paralisar a carreira e buscar outra profissão. Alguns artistas, como eu, estão sujeitos a momentos de náusea em relação ao trabalho”, ele diz. “Mas agora não. É velhice mesmo.”

Em seu apartamento no Corredor da Vitória, em Salvador, o tropicalista de 82 anos se refere à última turnê, “Tempo Rei”. Em meio a ensaios, fisioterapia e entrevistas, diz que não se trata de uma despedida definitiva dos palcos, e nem da música, mas da estrada e dos grandes shows. Gil explica que deseja voltar à dimensão originária do seu trabalho - se apresentar em espaços de pequeno e médio porte, para públicos modestos, enquanto sua saúde permitir.

No começo desses quase 60 anos de carreira, nem mesmo a guitarra elétrica era algo

comum na música brasileira. Em 1967, no Festival da MPB, na Record, ele e os Mutantes botaram o instrumento para chiar na histórica performance de “Domingo no Parque”. A plateia era pequena, mas Gil teve medo de encará-la. “Ali era a dificuldade do enfrentamento, aquela situação nova”, diz, lembrando que teve de ser resgatado no hotel para subir ao palco, de tão nervoso que estava.

A inserção da guitarra na música brasileira foi a primeira batalha estética que Gil e seus amigos, entre eles Caetano Veloso e Gal Costa, travaram. Para ele, a influência do tropicalismo, que veio de um ímpeto de modernizar a tradição musical brasileira, à luz da bossa nova, continua nítida. “Quase toda a música atual é inserida nesse campo das novas tecnologias. São elementos transformadores da própria condição artística”, diz.

No caso da tropicalia, os conceitos estéticos estavam em diálogo com a transformação na comunicação, que passou a atingir as mas-

sas - em especial com a TV, mas também a expansão do rádio e o maior acesso aos discos. “A tropicalia teve um papel na introdução desse novo contexto, no conceito de cultura pop”, afirma.

Aquelas experiências desembocaram, nos anos 1970, numa produção fonográfica hoje tida como uma usina de clássicos. Na visão de Gil, isso não tem a ver apenas com o talento daquela geração. “O aproveitamento do nosso talento se deu em função da expansão dos nossos interesses como artistas, representantes de uma voz social. É nesse sentido que o tropicalismo foi original, deflagrador de novas configurações. O talento sozinho não podia fazer nada.”

O enfrentamento dos tropicalistas foi estético, mas também político. Gil se lembra que teve reações distintas à prisão e ao exílio, impostos pela ditadura militar, em relação a Caetano. Foi na cadeia que ele compôs “Cérebro Eletrônico”, expressão do seu interesse

pelas novidades tecnológicas. “Sou canceriano, mais conformado com o sofrimento”, diz. “Enquanto ele se recolhia, eu ganhava uma nova expansividade.”

Gil também compôs e gravou “Aquele Abraço”, que traz no nome uma expressão que ele ouvia dos militares na cadeia, às vésperas do exílio em Londres. Em 1970, já na Europa, escreveu um texto no Pasquim recusando o prêmio Golfinho de Ouro, que havia ganhado pela música. Para ele, hoje e naquela época, “Aquele Abraço” recebeu “interpretações parciais”.

O artigo no Pasquim inaugurou de maneira mais firme a afirmação da identidade racial do baiano. “A tomada de consciência da minha condição de negro foi aflorando ao longo do tempo e culminou com um momento de agudeza quando fui preso e expulso do país”.

A negritude e a ancestralidade africana ficaram mais presentes na obra de Gil a partir dos anos 1970, e a ideia de originalidade do Brasil a partir da mestiçagem está em praticamente toda a sua produção. “A radicalização da questão racial é a mestiçagem. É inescapável”, filosofa.

## Vanguarda institucional

Ao longo dos anos, Gil trabalhou para institucionalizar sua vanguarda. Foi vereador e secretário da Cultura em Salvador, além de ministro da Cultura de Lula. Usa hoje o fardão da Academia Brasileira de Letras que parodiou em seu disco de 1968.

Conhecido pela postura serena, Gil observa com certa naturalidade um planeta que enfrenta crises climáticas e vê a ascensão de líderes autoritários da extrema-direita, caso de Donald Trump. Acredita que “as transformações permanecem jogando o ser humano para vários lados, e o obrigando a se defrontar e se posicionar em relação a elas o tempo todo.”

E ainda que tenha trabalhado para levar a música brasileira em direção ao futuro, através também da tecnologia, ele hoje torce o nariz para magnatas das big techs como Elon Musk e conceitos como o aceleracionismo.

Gil quer para o mundo o mesmo que para sua carreira -desacelerar. “A ideia do crescimento econômico, que envolve o expansionismo internacional através do colonialismo, com as grandes dificuldades ambientais e sociais, de distribuição de riqueza, vêm chamando a atenção para o fato de que está na hora de desacelerar. É hora de pensar em decrescer, ter menos crescimento econômico -ou, pelo menos, um crescimento mais monitorado a partir de uma visão de políticas coletivas e públicas. Sou dessa turma.”

ENTREVISTA / EDWARD NORTON, ATOR

# ‘O engajamento vem da cidadania’

Searchlight Pictures



Edward Norton em ‘Um Completo Desconhecido’, longa no qual encarna o músico e produtor Peter Seeger

Por **Rodrigo Fonseca**

Especial para o Correio da Manhã

Indicado quatro vezes ao Oscar de 1997 até hoje, Edward Harrison Norton é o tipo do ator que filma pouco, mas quando está em cena é tão intenso que draga as atenções da câmera (e das plateias) para si, como se comprova seu trabalho recente em “Um Completo Desconhecido” (“A Complete Unknown”). O desempenho dele na recriação dos feitos do músico nova-iorquino Pete Seeger (1919-2014), em meio ao processo de educação sentimental do jovem Bob Dylan (vivido por Timothée Chalamet), ampliou o interesse da indústria pop pela obra do cantor e compositor de “If I Had a Hammer”, hino da canção de protesto dos EUA. Em cartaz no Brasil há cerca de duas semanas, o longa-metragem dirigido por James Mangold (de “Logan”) custou cerca de US\$ 70 milhões e já faturou US\$ 127 milhões. Teve uma sessão de gala na Berlinale e concorreu a oito estatuetas na festa da Academia de Artes e Ciências Cinematográficas de Hollywood, onde Norton é um astro na contramão da vaidade.

Realizador de dois títulos de prestígio (“Tenha Fé”, de 2000, e “Brooklyn: Sem Pai Nem Mãe”, de 2019), ele tem em seu currículo de intérprete produções cultuadas como “As Duas Faces de um Crime” (1996), “Clube da Luta” (1999) e “Birdman” (2014). Presença cativa na obra do diretor Wes Anderson (desde “Moonrise Kingdom”, que abriu o Festival de Cannes de 2012), Norton passou pelo Brasil há 13 anos, para falar de ecologia e de crises ambientais com base em suas reflexões sociopolíticas. Antes, fez “O Incrível Hulk” (2008), que teve sequências ambientadas no Rio.

Nada mais afinado com o passado de Dylan (e com o presente do cantor e Prêmio Nobel) do que a atitude empática do ator em relação a pautas humanistas. Na trama filmada por Mangold, com base no livro “Dylan Goes Electric!”, de Elijah Wald, Seeger já era respeitado como um ás do violão e do banjo ao acolher em seu lar o bardo folk que viria a escrever os versos de “Blowin’ in the Wind” e “The Times They Are a-Changin’”. Tornou-se uma espécie de guru para ele, embora se comporte mais como um amigo. Um amigo experiente e protetor.

O papo a seguir, do qual o Correio da Manhã participou, foi organizado pela Fox Searchlight e pela Disney, quando a temporada de Oscar de 2025 começou. Na conversa, Norton, hoje com 55 anos, explica como im-

põe verossimilhança ao retrato de Seeger.

**Que grau de fidelidade, na mimese, impõe-se a um ator quando ele deve interpretar um ídolo real, como Peter Seeger?**

**Edward Norton:** O que existe de mágico na recriação de uma história real não é a similitude da maquiagem para te tornar parecido com uma pessoa que existiu de verdade, e, sim, o quanto o processo artístico consegue capturar a essência do biografado. Há sempre um fardo quando essa pessoa traz consigo um legado, pois existe o sentimento de que você precisa fazer jus a esse indivíduo e à sua vivência. Uma forma que eu tive para lidar com isso, em “Um Completo Desconhecido”, foi assistir a uma série de imagens de arquivo de Seeger, a fim de fazer deles um ponto de partida e não um lugar de imitação. O que me interessa nesse processo é levantar perguntas, como, por exemplo: será que Seeger e Dylan se abraçavam? Como eles interagiam? O quanto Seeger era reservado? Fui percebendo ali uma conexão que não de pai e filho, mas, sim, de irmão velho e caçula.

**Nesse processo de imersão, o que mais te encantou na figura de Seeger?**

É algo que serve de interseção com Dylan:

o fato de que os dois apreciavam a interpretação da plateia acerca das letras. Eles jamais impuseram um sentido no que gravaram. Seeger tinha disposição natural de conectar a música com seu ponto de vista político. Existe, no entanto, uma dimensão em que comungo com (o diretor) Jim Mangold que é a certeza de que um filme sobre situações reais só para de pé quando ele comporta algo mais do que a História, quando apresenta um sentimento universal. Neste caso, a universalidade vem da percepção de um tempo, a década de 1960, no qual a arte foi utilizada como instrumento de transformação social.

**Como foi a experiência de dar conta das exigências musicais de um personagem como Peter Seeger, em especial na relação com os instrumentos de corda?**

Eu me saí bem com o banjo e toquei guitarra por tempo o suficiente para encarar o desafio. Peter era um virtuoso. Você só consegue aprender na prática o que ele sabe se estiver concentrado o suficiente para isso.

**Houve um Pete Seeger na sua formação, ou seja, um artista que te serviu de mentor?**

Não houve uma figura assim, nesse lugar,

na minha vida. O mais próximo disso foi (o diretor tcheco) Milos Forman (com quem o ator trabalhou em “O Povo Contra Larry Flynt” e “Tenha Fé”). Cheguei a viajar por Praga ao lado dele e parecia estar do lado de um superstar, dada a reação das pessoas por lá, que o tratavam como celebridade. Era como se eu estivesse a andar por Londres com o Mick Jagger. Eu também fui muito afetado por Ian McKellen quando assisti a um monólogo dele no teatro, quando tinha uns 16, 17 anos. Havia algo de singular na maneira que ele atuava que me tocou.

**Você é conhecido por seu engajamento em debates sociais. De que maneira a experiência com a biografia de Bob Dylan, um artista marcado por canções de combate, amplia esse seu interesse por uma arte de intervenção nos conflitos da sociedade?**

Para além da carreira artística, eu sou um cidadão. O engajamento vem da cidadania. Não é necessário só ser um profissional da arte para isso. Cabe para advogados, para cientistas, para o que for. É questão de sensibilidade. Sinto que estamos enfrentando hoje o desafio de manter a sociedade em balanço em relação à pauta da sustentabilidade, frente aos riscos à biosfera.

# ‘Vitória’, teu nome é sucesso

Suzanna Tiere/Divulgação



Fernanda Montenegro e o ator mirim Thawan Lucas em ‘Vitória’

## Um épico contra a ditadura

Vencedor do Festival do Rio 2023, o engenhoso thriller de Vera Egito sobre a resistência estudantil na São Paulo de 1968 enfim ganha espaço em circuito

Por **Rodrigo Fonseca**

Especial para o Correio da Manhã

Vencedor da competição nacional do Festival do Rio 2023, “A Batalha da Rua Maria Antônia”, uma colossal reconstrução de época com foco na ditadura militar, ficou quase um ano e meio à espera de telas, mas, enfim, encontrou circuito. Estreia no próximo dia 27. O lançamento desse thriller político dirigido por Vera Egito dialoga frontalmente com as reflexões históricas trazidas pelo ganhador do Oscar “Ainda Estou Aqui”. Ambos propõem uma revisão histórica dos Anos de Chumbo, cada um à sua maneira, inspirados por fatos reais.

Em 2023, o júri da *Première Brasil* valorizou o risco absoluto corrido por Vera numa narrativa em PB de estética nervosa. Indicado a prêmios em festivais em Valladolid e Chicago, “A Batalha da Rua Maria Antônia” se impôs na telona do Estação NET Gávea e do Odeon a partir de um jogo de armar estruturado a partir de 21 planos-sequência.

Um espetáculo entre o drama e a ação se forma na recriação proustiana de 1968, o chamado *Ano Que Não Acabou*. Sua estrutura formal chega a ser inóspita em seu arranjo nada convencional de ideias. Arma-se um teatro de máscaras na trama quando o líder estudantil Benjamin (Caio Horowicz, atômico em sua atuação) aparece no campus da Faculdade de Filosofia da USP para manter seus colegas fora das CNTPs (condições normais de temperatura e pressão). Ele agita sua turma e outras em meio a uma batalha em outubro do 68. Seus métodos são sedutores, mas, parecem desprezar códigos de ética e sentimentos. Benjamin encena um jogo de decapitações com seus companheiros de aula e incomoda, em especial, uma atormentada professora, Leda (Gabriela Carneiro da Cunha, em estado de graça).

Em nome da democracia, Benjamin tenta manter inflamado o corpo discente e o docente de sua instituição. Tem gente aliabalada por mágoas afetivas. Outras temem a foice do Estado que vestia farda na época. Mas um grupo reage à mordança do governo,

Longa com Fernanda Montenegro estreia no topo da bilheteria nacional, desbancando títulos estrangeiros

Por **Lara Paiva** (Folhapress)

“**V**itória”, estrelado por Fernanda Montenegro, liderou as bilheterias brasileiras no último fim de semana. O filme foi visto por 218 mil espectadores desde sua estreia, na última quinta-feira (13). Os dados são dos portais Comscore e Filme B.

O longa arrecadou R\$ 4,7 milhões, desbancando filmes como “Mickey 17” e “O Macaco” e até o blockbuster da Mar-

vel “Capitão América: Admirável Mundo Novo”, que estava há cinco semanas no topo do ranking.

Dirigido por Breno Silveira e Andruca Waddington, o filme se baseia na história verídica de Joana da Paz, aposentada que desmascarou, da janela do seu apartamento, uma quadrilha de crime organizado no Rio de Janeiro.

A atriz vive Dona Nina, senhora cansada da violência urbana que se alia ao jornalista Fábio Gusmão (papel de Alan Rocha) para denunciar uma quadrilha de traficantes e policiais corruptos. O roteiro de Paula Fiuza é baseado no livro de Gusmão, “Dona Vitória da Paz”.

O caso ocorreu em 2004. A identidade da aposentada, apelidada de “Vitória” pelo Serviço de Proteção à Testemunha, só foi revelada após sua morte, em 2023.

“Vitória” também conta com Linn da Quebrada, Thawan Lucas e Laila Garin no elenco. Está em cartaz em 650 salas de cinema pelo país.

Manoela Estellita/Divulgação



**A resistência estudantil ao terror do AI-5 é a força motriz do thriller político ‘A Batalha da Rua Maria Antônia’, premiado com o Redentor de Melhor Filme no Festival do Rio 2023**

sendo oprimido pela direita radical.

Na direção de fotografia, Will Etchebehere ricocheteia por planos de triagem de diferentes salas, corredores e centros acadêmicos de uma faculdade encarada, à época,

como o ovo da serpente dos inimigos do governo de farda. A montagem de Julia Zakia galvaniza o fluxo de imagens cor de chumbo, penumbrosas, revivificando um pretérito imperfeito, que reside como zumbi no imaginário sócio-político da nação.

Num roteiro enxuto, mas bastante provocativo, a diretora de “Amores Urbanos” (2016) discute resiliência, combate e inércia à luz da brasilidade. Em seu agonizante filme, a luta simbólica de 1968 é um espaço de afirmação de identidade. É um ritual que nos baliza pela resistência e que espelhou combates recentes, na Era Bolsonaro. O que acontece é que esse ritual despertou bestas e invocou diabos. É o que o filme mostra, sobretudo na figura mefistofélica de Benjamin construída por Horowicz.

Numa linha de edição que assume o número dos planos como se fosse um relógio, contabilizar a armação e a explosão inevitável de uma bomba moral, Vera “encena” a SP do fim dos anos 1960 menos pelos e mais pelas impressões do que o passado teria sido. Concentra tudo num tempo curto, numa noite definitiva. Os personagens enfrentam os ataques do Comando de Caça aos Comunistas vindos do outro lado da rua, da Universidade Mackenzie. Quando o confronto explode, molotovs, pedras, paus e bombas são atirados. É uma narrativa de 24 horas nas quais conflitos afetivos, tensões sexuais, ciúmes e traições ideológicas (concentradas na professora Lea), revisitam nosso pretérito imperfeito.

ENTREVISTA / FÁBIO PORCHAT, ATOR, APRESENTADOR E ROTEIRISTA

# 'A comédia precisa ser celebrada'

Por **Leonardo Volpato** (Folhapress)

**O**uvir histórias engraçadas, peculiares e curiosas. É essa a rotina profissional do humorista Fábio Porchat que, por onde passa, é abordado por alguém disposto a lhe contar alguma experiência inusitada. Desde 2019, com a estreia do *Que História É Essa, Porchat?* (GNT), mais de mil pessoas, entre famosos e anônimos, já lhe fizeram confidências - muitas delas viralizaram nas redes.

Não é uma tarefa fácil para ele escolher as suas favoritas. A reportagem perguntou quais seriam, e Porchat nem titubeou ao apontar a melhor de todas: a de Heloísa Périssé que ligou por engano para um homônimo de seu ginecologista e tirou dúvidas bastante pessoais, até perceber que estava falando com outra pessoa.

"A da Heloísa é imbatível, perfeita do início ao fim, com viradas, surpresas. Teria que existir o Prêmio Heloísa Périssé de melhor história", brinca ele.

Porchat fala ainda sobre as estratégias para manter o programa em alta após sete temporadas, sobre os planos para 2025 e da recente saída de Antonio Tabet do Porta dos Fundos.

**Este ano você celebra 20 anos de carreira. Que trabalhos destacaria nessa trajetória?**

**Fábio Porchat** - Em 2005 foi minha estreia no teatro com o Paulo Gustavo (1978-2021), mas ninguém me conhecia. Se pudessemos eleger os principais momentos da minha carreira, seriam o Porta dos Fundos, em 2012; quando ganhei meu primeiro talk show [na Record], em 2016, e o *Que História É Essa*, em 2019. São três pontos de virada. O Porta me divulgou para as pessoas; o talk show fez todos perceberem que eu podia ser apresentador; e o programa de histórias se tonou um supersucesso.

**Você criou um prêmio de humor. Qual a importância?**

O Prêmio I Love PRIO do Humor aconteceu nesta segunda (17) em São Paulo e terá



Divulgação

**Porta dos Fundos é um lugar seguro para mim, onde posso desenvolver projetos ousados, diferentes"**

Fábio Porchat

sua edição carioca na próxima semana (dia 25). Sinto que ele entrou no gosto da classe artística porque comédia nunca recebe as glórias. Quando somos indicados já é uma alegria. A tendência é sempre premiar o drama. A comédia é o gênero que gera mais receita, leva mais público ao teatro e ao cinema, faz pessoas voltarem às salas. Comédia precisa ser celebrada, e um prêmio como esse acaba exaltando nomes já consagrados e outros novos no cenário.

**Recentemente, Antonio Tabet e Ian SBF deixaram o quadro de sócios do Porta. Houve briga?**

Não houve briga nenhuma, o que é óti-

mo, porque numa sociedade às vezes tem briga. São só caminhos diferentes sendo tomados. Eles foram por um lado e nós (eu, o João Vicente e o Gregorio Duvivier) por outro. Agora temos o Porta nas mãos para uma nova fase, fortalecer ainda mais o que temos.

**Você se vê nesse projeto até quando? Pensa em um dia sair também?**

Porta dos Fundos é um lugar seguro para mim, onde posso desenvolver projetos ousados, diferentes. Esse canal conquistou credibilidade nesses 13 anos, o público sabe que dali sairá algo novo. Às vezes erramos, é assim quando falamos em criação, mas estamos sempre nos testando. Mais do que um canal,

o Porta virou um produtor de conteúdo com filmes, séries e esquetes.

**O Que História É Essa, Porchat? é um sucesso. Quais suas cinco histórias favoritas?**

Que pergunta difícil, já tivemos mais de mil delas no programa. Mas creio que a do ginecologista da Heloísa Périssé é imbatível, perfeita do início ao fim, com viradas, surpresas. Teria que existir o Prêmio Heloísa Périssé de melhor história.

**Poderia citar mais algumas?**

Gosto da que foi contada pelo Kiko Mascarenhas, a nossa primeira história de cocô (risos). Ela é surpreendente, engraçada, diferente. Não tem como deixar de lado a da Fernanda Torres, 'totalmente drogada', que virou até meme. E gosto dos anônimos. Uma moça que contou uma história que não conseguiu perder a virgindade na lua de mel. Foi cativante. Tem a do exorcismo do boneco Melocoton que me divirto demais.

**Crê na longevidade do programa? Algo que queira mudar, melhorar?**

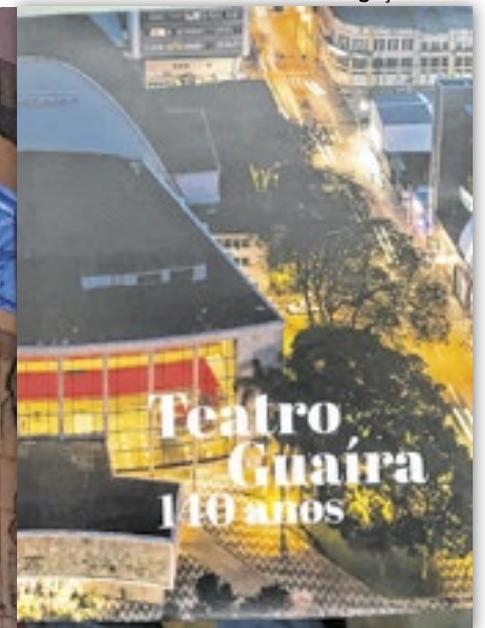
Sinto que o programa tem vida longa, porque contar e ouvir histórias é básico e funciona. Claro que, na sétima temporada, temos que sempre nos ligar nas melhores histórias para não descer o sarrafo e deixar umas mais ou menos entrarem. Esse ano vamos testar sair do estúdio, ir na casa das pessoas, fazer especiais fora da emissora, na minha casa com amigos. Isso dá um gás.

**Como é feita a seleção das histórias?**

Para anônimos temos um grupo de pesquisa que vai atrás, mas recebemos muitas pela internet por vídeo. Na rua me param e falam que têm algumas boas. Alguns falam: 'essa história tem que guardar para contar no Porchat'. Virou uma referência. Eu adoro, porque são 120 histórias de famosos e 80 de anônimos por ano. Já as celebridades mandam por áudio, mas precisa saber contar. Já tivemos algumas que não entraram porque o famoso não sabia contar.

**E quais seus planos para esse ano?**

Tem a minha peça cômica de histórias de viagens que vou levar para o Brasil e o mundo. Passarei por Cabo Verde, Londres, Japão. Dia 20 de abril será a última vez em São Paulo. Também vai estrear em abril o reality LOL do Prime com o pessoal do Porta dos Fundos. Vou rodar um filme para o mesmo streaming. E, claro, novidades no Porta dos Fundos.



Fachada e interior do Teatro Guaíra, um dos palcos mais importantes da América do Sul

# 140 anos de arte

Agência Estadual de Notícias/PR

Livro conta a história do Teatro Guaíra, um símbolo da cultura paranaense

**P** principal espaço cultural do Paraná e um dos teatros mais importantes da América do Sul, o Teatro Guaíra tem sua história revisitada no livro “Teatro Guaíra 140 Anos”, de Zeca Corrêa Leite. A obra percorre momentos marcantes do teatro, revelando seus bastidores,



espetáculos icônicos e a trajetória de seus corpos artísticos. “É uma tentativa amorosa e sincera de recontar sua evolução”, afirma o

autor.

Para Cleverson Cavalheiro, diretor-presidente do Centro Cultural Teatro Guaíra (CCTG),

o livro reafirma a importância da preservação da memória. “Sem memória, não temos identidade”, diz. Já Áldice Lopes, diretor artístico do CCTG, vê a publicação como um “depositário de ideias, imagens e poesias”.

A iniciativa integra um movimento de valorização da história do teatro. Em 2024, também foi publicado “Teatro de Comédia do Paraná – 60 Anos”, de Alvaro Collaço, dedicado à trajetória do TCP. No ano anterior, “Balé Teatro Guaíra – 52 anos de uma história da dança paranaense”, de Cristiane Wosniak, trouxe um registro da companhia. Fotografias desse livro integram uma exposição no Aeroporto Humberto Delgado, em Lisboa.

A origem do Teatro Guaíra remonta ao Segundo Império, quando o Teatro São Theodoro foi inaugurado em 1884. Rebatizado como Theatro Guayra em 1900, consolidou-se como um polo cultural ao longo das primeiras décadas do século 20, recebendo grandes companhias teatrais. Em 1937, foi demolido por problemas estruturais, deixando Curitiba sem um teatro oficial por quase duas décadas.

A construção da nova sede começou em 1952, com projeto dos arquitetos Rubens Meister e Eugênio Grandinetti. O primeiro auditório, Salvador de Ferrante (Guairinha), foi entregue no mesmo ano. O Grande Auditório Bento Munhoz da Rocha Neto (Guairão), após um incêndio que atrasou sua finalização, foi concluído em 1974. No ano seguinte, o Miniáudatório Glauco Flores de Sá Brito completou o complexo.

Hoje, o Teatro Guaíra segue como referência nacional, oferecendo espetáculos a preços populares e mantendo seus corpos artísticos em circulação pelo Paraná. Também é o principal palco do Festival de Teatro de Curitiba, o maior festival de artes cênicas do Brasil. Com um investimento histórico de R\$ 50 milhões em modernização, público crescente e uma programação diversa, o espaço permanece como um dos pilares da cultura paranaense.

Selma Maia

*Apossemática*

Keila Sankofa

*Lama*

Amazonense Uýra inaugura a individual 'Memórias de Alagamento' no Museo de Arte Moderno de Bogotá

Bogotá

Katja Hoelldampf

*Flora D'Água*

# Atravessar, refletir e conectar

O Museo de Arte Moderno de Bogotá (Mambo) recebe, até 1º de junho de 2025, "Memórias de Alagamento", a primeira exposição solo institucional de Uýra. Com curadoria de Eugenio Viola e Juaniko Moreno, a exposição transforma os corpos d'água em arquivos vivos de história, resistência e espiritualidade.

Uýra é uma artista indígena, trans, natural do Amazonas, cujas obras abordam temas como identidade, natureza e a interseção entre culturas indígenas e contemporâneas. Com uma trajetória marcada pela fotografia, vídeo e performance, ela busca promover diálogos entre os saberes ancestrais e as urgências do mundo moderno, principalmente no que tange à preservação ambiental e aos direitos dos povos originários.

Seu trabalho é profundamente conectado às questões sociais e ambientais, e a artista utiliza a arte como um meio de resistência e denúncia, dando voz às comunidades marginalizadas.

O título da exposição evoca a capacidade da água de lembrar seu curso, mesmo soterrada. Uýra investiga como os rios

amazônicos e as bacias urbanas contam histórias de povos deslocados pela urbanização e pelo extrativismo. Obras como "A porra da árvore" (2019), "A terra pelada" (2018) e "Mil quase mortos" (2018) denunciam o desmatamento e a poluição dos rios na região.

Durante sua residência em Bogotá, Uýra estudou o Rio San Francisco-Vicachá, estabelecendo paralelos entre a diáspora do povo Munduruku e as lutas dos Muisca na Savana de Bogotá.

"A exposição se divide em três momentos: atravessar, refletir e conectar. Atravessar territórios e tempos, refletir sobre transformações sociais e conectar memórias e realidades", detalha Uýra, que funde biologia, ecologia e performance para reimaginar a relação entre corpo e território, dando voz à natureza e às comunidades marginalizadas.

Localizado no centro de Bogotá, o Mambo é um dos principais centros culturais colombianos dedicado à arte contemporânea. Fundada em 1963, a instituição possui uma rica coleção que abrange a produção artística nacional e internacional do século XX até o presente.

Matheus Belém

*Mil Quase Mortos*